

Para uma credibilidade da Igreja, sacramento do amor de Deus: uma contribuição de Yves Congar e Papa Francisco

For a credibility of the Church, sacrament of God's love: a contribution of Yves Congar and Pope Francis

Meque Augusto Macumo

Resumo

O artigo pretende apresentar as propostas de Yves Congar e Papa Francisco para a credibilidade da Igreja, num mundo cada vez mais fechado, mas sedento de Deus, num tempo onde nas mentes de muitos homens e mulheres prevalece um pensamento religioso relativista e indiferentista, cujas consequências ela também sofre, e em que dentro dela se reflete sobre o modo de exercício de poder e sobre a necessidade do testemunho. Neste tempo de mudança de época e virada antropológica, e “no universo das religiões”, ela deve situar-se e não perder de vista a sua vocação de sacramento de salvação, portadora e testemunha do amor de Deus aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares. A sua credibilidade será maior quanto maior o seu agir for de acordo com esta sua vocação. O artigo inicia apresentando o contexto social, religioso e eclesial em que a Igreja vive e exerce a sua missão. Em seguida, aborda a dimensão da Igreja como “sacramento” como ponto de partida para a sua autocrítica. Termina apresentando algumas propostas de Yves Congar e do Papa Francisco para a credibilidade da Igreja.

Palavras-chave: Igreja. Sacramento. Credibilidade. Yves Congar. Papa Francisco.

Abstract

The article intends to present the proposals of Yves Congar and Pope Francis for the credibility of the Church, in an increasingly closed world, but thirsting for God, in a time where in the minds of many men and women, a relativist and indifferentist religious thought prevails, whose consequences she also suffers, and in which inside her reflections are made on how power is exercised and on the need of testimony. In this time of changing times and anthropological turn, and “in the universe of religions”, she must place herself and not lose sight of her vocation as a sacrament of salvation, bearer and witness of God's love for men and women of all ages and places. Her credibility will be greater the more

she acts in accordance with her vocation. The article begins by presenting the social, religious and ecclesiastical context in which the Church lives and carries out her mission. It then looks at the dimension of the Church as a “sacrament” as a starting point for her self-criticism. It ends by presenting some proposals by Yves Congar and Pope Francis for the credibility of the Church.

Keywords: Church. Sacrament. Credibility. Yves Congar. Pope Francis.

Introdução

Hoje com a mudança de época, e virada antropológica, busca-se prestar muita atenção ao homem. A Igreja, “no universo das religiões”, e diante da agressividade dos meios de comunicação social, que muitas vezes hostilizam o seu credo e ensinamentos, pode correr o risco de perder-se e perder de vista a sua vocação, cair na tentação de perder o seu foco, perder o entusiasmo, como o Papa Francisco alerta no documento programático do seu pontificado, *Evangelii Gaudium*. Assim, a Igreja corre o risco de não ser credível aos homens e mulheres de hoje. Ao celebrarmos este ano o décimo primeiro aniversário do pontificado do Papa Francisco, que desde a primeira hora demonstrou preocupação em apresentar uma face da Igreja mais credível, este artigo traz a sua contribuição e a de um dos mais sonantes teólogos do séc. XX, Yves Congar, cuja maior parte das ideias eclesiológicas podem ver-se refletidas no atual pontificado, e elas podem contribuir para uma maior credibilidade da Igreja, neste tempo de muitos desafios, mas que é também um “tempo de graça”. Portanto, este trabalho procura trazer o contributo de Yves Congar e do Papa Francisco para o debate sobre a credibilidade da Igreja. Um dos expoentes da *Nouvelle Theologie*,

Congar é o teólogo de referência obrigatória no que concerne à eclesiologia do séc. XX, pré-conciliar, conciliar e pós-conciliar. Ele é conhecido por um forte interesse ecumênico e inter-religioso, e pelo seu esforço em apresentar e propor um novo rosto da Igreja, uma Igreja que se renova continuamente *ad intra* e *ad extra* para não ficar fechada em si, mas aberta, ministerial, onde todos fazem parte, testemunham a sua fé e oferecem o próprio serviço e colaboração.¹

O Papa Francisco, neste ano de 2024, completou 11 anos de pontificado, um pontificado no qual, como diz Repole, “desde a primeira aparição na Praça de São Pedro, na noite de sua eleição [...] se apresentava a bandeira de uma novidade de estilo”.² Esta novidade nota-se, como refere ainda Repole, tanto no modo de se apresentar (vestir-se sobriamente, o chamar-se bispo de Roma, o pedir a oração do povo, etc.), quanto no modo de se dirigir, ou seja, no seu ensinamento (homilias, discursos feitos, documentos promulgados), na linha do que tanto o Concílio Vaticano II, quanto a teologia recente, marcada pela “virada antropológica”, preconizam, isto é: “que a doutrina não é nem pode ser algo de estranho em

¹ MACUMO, M. A., La Chiesa come *sacramentum salutis*, p. 4.

² REPOLE, R., Prefácio à coleção, p. 9.

relação à chamada pastoral”.³ Já no início do seu pontificado, com a *Evangelii Gaudium*, mostrou uma grande preocupação pela Igreja, a qual ele pretende que seja mais credível, uma “mãe de coração aberto”, “uma Igreja ‘em saída’ ... com portas abertas”.⁴

Colhendo o pensamento destes dois autores sobre este desafio da Igreja, se buscará ver como a Igreja deve viver hoje o testemunho evangélico, confrontando-se consigo mesma, e, diante das outras igrejas, religiões e do mundo, buscar tornar mais eficaz a sua missão de sal da terra e luz do mundo, sinal e instrumento da unidade de Deus com os homens e do género humano entre si.⁵ Por causa da vastidão da produção académica ou de documentos destes dois autores, de Congar algumas obras servirão de base para o nosso artigo, e, do Papa Francisco, sobretudo a exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium* e a carta encíclica *Fratelli tutti*.

O artigo começa por apresentar alguns aspetos sobre o mundo atual (tanto religioso quanto profano); em seguida, apresenta alguns aspetos teológicos da Igreja vista como “sacramento” como ponto nuclear de autocrítica e da busca da credibilidade; no fim, apresenta algumas linhas para a credibilidade da Igreja segundo o pensamento de Yves Congar e Papa Francisco.

1. Contexto

Segundo Wiedenhofer, “em todas as épocas houve problemas com a Igreja”, os quais, por sua vez, tornam-se chances se forem afrontados com “seriedade e perseverança”.⁶ Tais dificuldades levam a Igreja a refletir permanentemente e cada vez mais sobre a sua identidade e missão, e a ser para a sociedade e o homem de cada tempo sinal e instrumento do amor de Deus.⁷ Entre os vários aspetos que poderíamos citar, que dizem respeito ao mundo moderno e o seu modo de ver a Igreja, podemos destacar, por um lado, um mundo mais fechado, “egoísta”, mas sedento de Deus (contexto mundial e social), por outro, a indiferença religiosa e o fato de ver a Igreja como obstáculo (contexto religioso e eclesial).

1.1. Contexto social e mundial

Na “idade do indivíduo” em que nos encontramos, como afirmava Kierkegaard,⁸ nota-se cada vez mais um fechamento ao outro. Paradoxalmente ao mundo com louváveis avanços técnicos, o que tem como fruto o melhoramento da vida das pessoas, estamos num mundo com vários desafios.⁹ O Papa Francisco, na carta encíclica *Fratelli Tutti*, caracterizando o mundo em que nos encontramos hoje, fala de um “um mundo fechado”, onde, depois de passos significativos e positivos que se haviam dado, depois das duas grandes guerras, tanto na Europa, na América Latina, e outras regiões do mundo, em busca de nações mais unidas, próximas, abertas ao diálogo, à união e à coesão, houve regressão. Diz o Papa:

³ REPOLE, R., Prefácio à coleção, p. 11.

⁴ EG 46.

⁵ LG 1.

⁶ WIEDENHOFER, S., *Eclesiologia*, p. 50.

⁷ WIEDENHOFER, S., *Eclesiologia*, p. 50-54.

⁸ CONGAR, Y., *La Chiesa*, p. 245.

⁹ EG 52.

Reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos. Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria novas formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais.¹⁰

Portanto, estamos num mundo que vive um paradoxo, onde pela globalização está visivelmente “em saída”, mas ao mesmo tempo se nota uma “introversão mundial”.¹¹ Assim, na relação com o outro, que vem ao nosso encontro, muitas vezes já não o vemos como um irmão a amar, mas sobretudo como alguém que vem para perturbar a nossa vida e bem-estar.¹²

Porém, apesar disso tudo e por isso tudo, é um mundo “sedento de Deus”, do sentido último da vida. Por isso, num contexto como este, a Igreja é desafiada a dar respostas e a ser resposta. Aquilo que o homem hoje procura no outro, o deseja encontrar na Igreja, ou seja, a Igreja, cuja vocação é anunciar aos homens de todas as épocas e lugares a boa-nova da salvação trazida por Cristo, deve tornar-se para eles lugar de “encontro”, de “abertura”. Como afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG),

existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança. Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transformase numa pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, Se nos entregou como fonte de água viva.¹³

1.2. Contexto religioso e eclesial

No que concerne à dimensão religiosa, uma característica do mundo moderno é a indiferença religiosa. Estamos num tempo em que vão aparecendo várias formas religiosas e modos desse *re-ligare*, institucionalmente organizadas ou não, contendo dimensão comunitária ou individual. Como sabemos, uma religião tem geralmente uma dimensão soteriológica objetiva.¹⁴ Ora, a ideia pluralista da salvação levou a que na concepção de muitas pessoas houvesse uma substituição entre “a fé” e a “boa-fé”, caindo-se assim no relativismo.¹⁵ Como diz Congar, “o homem moderno está convencido não só da própria boa-fé, mas da suficiência desta. Acredita de bom grado que a verdade ou o erro não intervêm na sua salvação, que será uma pura questão de lealdade nas intenções”.¹⁶ Assim, “nenhum valor que vem do alto, objetivo, positivo, diz respeito mais ao homem moderno

¹⁰ FT 11.

¹¹ Uma adaptação da expressão “introversão eclesial”, usada por João Paulo II na exort. ap. pós-sinodal *Ecclesia in Oceania*, e citada por Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, quando a apresenta como um risco da Igreja que não leva a sério a dimensão missionária como central e fim de toda a renovação (EG 27; EO 19).

¹² FRANCISCO, PP., Homilia na santa missa pelas vítimas dos naufrágios.

¹³ EG 86.

¹⁴ RIBEIRO, C. de O., Religiões e salvação, p. 34.

¹⁵ CONGAR, Y., La mia parrocchia vasto mondo, p. 215.

¹⁶ CONGAR, Y., La mia parrocchia vasto mondo, p. 216.

que o seu próprio interesse”.¹⁷ O Papa Francisco, na *EG*, sintetiza assim este desafio atual:

Trata-se mais de uma generalizada indiferença relativista, relacionada com a desilusão e a crise das ideologias que se verificou como reação a tudo o que pareça totalitário. Isto prejudica não só a Igreja, mas a vida social em geral. Reconhecemos que, numa cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais.¹⁸

Esta perda de sentimento de dependência está, segundo Congar, na origem da perda do sentido de pecado. Este pensamento indiferentista que abdica de dados objetivos de salvação, que, embora com alguma dose de verdade, defende que a sorte final ou escatológica de cada homem e mulher depende apenas da prática e não da aceitação e vinculação a algum credo, verdade ou ideia, “destrói” até mesmo a “boa-fé”,

porque não existe boa fé se não há abertura ativa para a verdade tal como se está em condições de a conhecer [...] quem professa *a priori* que tudo se equivale e que não precisa cuidar de procurar a verdade, destrói em si as raízes mesmas da *boa fé*, porque professa uma indiferença de princípio no que diz respeito à verdade.¹⁹

Neste sentido, o que se podia esperar é que a boa-fé, não contentando-se com a sua autossuficiência, se tornasse ela mesma caminho que leva à verdade, como de uma passagem da fé implícita e a uma fé explícita, onde se passa de um homem soberano das suas escolhas, decisões e a medida da verdade,²⁰ para um homem em constante resposta a Deus, que toma iniciativa, chama para o diálogo e mostra o caminho a seguir; um homem que, como diria João Paulo II, “não tem medo de abrir as portas a Cristo”.²¹

A ideia da indiferença religiosa leva também à da indiferença institucional, que vê a Igreja como obstáculo. Pela fé e baseados na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição, cremos que o Deus que interpela, que mostra o caminho a seguir, Ele mesmo “multiplica os sinais que [às vezes] não têm o valor coercitivo da evidência, mas que requerem atenção”.²² Um desses sinais “no meio de nós” é a Igreja.²³ Ora, esta Igreja está estruturada, organizada. “Os termos, estruturas, normas, autoridade, fazem, irrevogavelmente, parte da sua definição... Ela é por natureza “instituição”.²⁴

Mas, assim como vem acontecendo com todas instituições sociais, culturais, que vêm sendo criticadas pelo fato da sua institucionalidade, as quais por natureza independem dos homens individuais para se definirem, para serem o aquilo que são, a Igreja vem sendo atacada, e toda a sua dimensão espiritual e histórico-salvífica negada, sendo considerada

¹⁷ MACUMO, M. A., *La Chiesa come sacramentum salutis*, p. 91.

¹⁸ *EG* 61.

¹⁹ CONGAR, Y., *Amplio mundo mi parroquia*, p. 200.

²⁰ “O homem moderno pensa que o essencial seja subir a montanha: a estrada não tem importância. Não existe uma que se imponha: a melhor é aquela que um traça” (CONGAR, Y., *La mia parrocchia vasto mondo*, p. 218).

²¹ JOÃO PAULO, PP. *Homilia do início do pontificado*, n. 5.

²² CONGAR, Y., *La mia parrocchia vasto mondo*, p. 222.

²³ CONGAR, Y., *La mia parrocchia vasto mondo*, p. 224.

²⁴ CONGAR, Y., *La Chiesa: approccio o ostacolo?* p. 245.

como uma simples instituição, puramente humana. Como fizemos referência no número anterior, estamos na “idade do indivíduo”, onde o que não depende do indivíduo pessoal para ser o que é, não o exprime. Isto desemboca na tendência hodierna, bem difundida, sintetizada no *slogan* “Jesus sim, Igreja não”, uma vivência do cristianismo sem nenhum compromisso ou vivência eclesial.²⁵

Ora, se, de um lado, há esta crítica à Igreja que provém da negação da sua institucionalidade divino-humana, doutro lado, a crítica à instituição é, por vezes, também motivada por razões internas da Igreja, sobretudo as questões relativas ao abuso do cargo e à falta de testemunho.

O abuso do poder é o perigo a que vezes sem conta o Papa Francisco vem chamando à atenção, sobretudo àqueles que na Igreja têm a missão de liderança e de guiar os irmãos. A destruição causada pela violência que dele dimana é, na sua ótica, comparada com a destruição causada por armamentos, e, assim, chama a que “cada um não se aproveite da própria posição e função para mortificar o outro”.²⁶

Entre as consequências desse abuso do poder, podemos citar a situação preocupante dos abusos psicológicos e sexuais por parte dos membros da Igreja, práticas inaceitáveis,²⁷ o que vem contribuindo para enfraquecer um dos pontos cruciais do ministério profético da Igreja: o testemunho (*martyria*), o qual vem antes de qualquer anúncio verbal da Palavra. O testemunho leva as pessoas a sentirem os seus corações tocados e a decidirem conhecer melhor o Senhor e aderirem a Ele, único caminho de vida plena e de salvação.²⁸ O abuso de poder tem uma quota-parte para que se esteja a viver este “momento da vergonha” como o chama Papa Francisco.²⁹

Acrescentando-se ao abuso de poder, há outras tentações internas à Igreja, das quais nos fala o capítulo 2 da *EG*: preocupação pela autonomia e relaxamento; uma espiritualidade para o alívio pessoal e não uma espiritualidade aberta ao compromisso missionário; complexo de inferioridade que leva a esconder ou relativizar as suas convicções diante de uma cada vez mais forte influência mediática que, às vezes, olha com desconfiança ou mesmo ataca a mensagem da Igreja; “relativismo prático, ainda mais perigoso que o doutrinal”: que leva a pensar e trabalhar como se Deus, o outro, o pobre, os ainda não evangelizados, não existissem; que leva a buscar seguranças nos bens materiais, poder e glória humana, procurados a qualquer custo e usando quaisquer meios, “em vez de dar a vida pelos outros na missão”.³⁰

Diante de todo este panorama *ad extra* e *ad intra Ecclesiae*, hoje a Igreja está chamada a se questionar sobre a sua identidade e missão: quem sou? Para que sou?

2. A Igreja “sacramento” como ponto de partida e de permanente autocrítica da Igreja

²⁵ KASPER, W.; MOLTMANN, J., *Gesù sì, Chiesa no?*; WIEDENHOFER, S., *Eclesiologia*, p. 51; BRIGHENTI, A., *A Pastoral dá o que pensar*, p. 164.

²⁶ FRANCISCO, PP., *Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios*.

²⁷ FRANCISCO, PP., *Discurso aos membros da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores*.

²⁸ BRIGHENTI, A., *A Pastoral dá o que pensar*, p. 89-91.

²⁹ FRANCISCO, PP., *Audiência Geral*; *EG* 76.

³⁰ *EG* 76-80.

Entre as noções fundamentais da Igreja apresentadas pela *Lumen Gentium*, está a noção de “sacramento”. Ela é a que melhor a define. Poderíamos dizer que a eclesiologia do Vaticano II gira em torno deste conceito.³¹ Com ele, a *Lumen Gentium* recupera o pensamento patrístico sobre a Igreja. Como pensavam Boaventura e outros teólogos medievais, a Igreja é a lua que nos ajuda a olhar o sol, que é Cristo, e já que somos débeis e não podemos ver o sol face-a-face, a Igreja suaviza-o à nossa debilidade.³² Portanto, recuperando estas imagens, a constituição *Lumen Gentium* afirma que a luz dos povos que é Cristo resplende no rosto da Igreja.³³ Ela, a Igreja, é um sacramento necessário para a salvação.³⁴ Como todo o sacramento, ela tem a sua dimensão espiritual e a dimensão visível; é historicamente estruturada e organizada;³⁵ é, por isso, por natureza instituição, o que não deveria ser um obstáculo, mas oportunidade e verdadeiro sinal e instrumento da vontade de Deus para o mundo. Pois, como afirma Congar, é

no mundo da carne e da história que [o] tesouro salvífico deve ser comunicado. O sacramento primordial, que é Cristo, exige um sacramento de comunicação a nível de história humana, com estrutura análoga àquela da encarnação (...). Eis o que é a Igreja, segundo o Novo Testamento.³⁶

Porém, se para a Igreja o fato de ser sacramento é um privilégio inaudito, por outro, é um desafio constante e permanente. Toda a Igreja deve sentir-se sob esta dinâmica sacramental, pois

Não estamos mais no tempo em que o teólogo se podia contentar em formular as estruturas da Igreja em si, de uma Igreja autossuficiente dos clérigos. A Igreja tornou-se uma questão dos homens, mesmo para os cristãos. Não podemos falar dela sem assumir as questões dos homens, sem mostrar a sua relação profunda, a sua convivência com as exigências do homem e com os objetos da sua esperança.³⁷

O documento da Comissão Teológica Internacional sobre “Temas escolhidos de eclesiologia” (1985) exprime também este pensamento quando diz que

a teologia da Igreja-sacramento nos consente [...] a ser maioritariamente atentos à responsabilidade concreta da comunidade cristã. De fato, através da vida, do testemunho e da ação quotidiana dos discípulos de Cristo, os homens são guiados ao seu Salvador.³⁸

O próprio conceito de “Povo de Deus”,³⁹ também importante para a eclesiologia

³¹ Referida à Igreja, a palavra é usada em sentido analógico, porque classicamente os sacramentos são sete, e a Igreja não é o oitavo sacramento (VITALI, D., *Lumen Gentium*, p. 40; CTI, *Temi scelti d’eclesiologia*, 8.3).

³² MACUMO, M. A., *La Chiesa come sacramentum salutis*, p. 3.

³³ LG 1.

³⁴ LG 48.

³⁵ WIEDENHOFER, S., *Eclesiologia*, p. 55.

³⁶ CONGAR, Y., *Un popolo messianico*, p. 41; CONGAR, Y., *La Chiesa: approccio o ostacolo?* p. 246.

³⁷ CONGAR, Y., *La Chiesa: approccio o ostacolo?* p. 249.

³⁸ CTI, *Temi scelti d’eclesiologia*, 8.3; LG 14 e 16; AG 7; GS 22 e 5.

³⁹ LG, cap. 2.

conciliar, embora não seja central e esteja ao serviço do conceito sacramento, tem por trás de si a ideia de um povo que caminha, um povo “para o mundo”, um povo em saída, um povo sacramental para todos (*pro omnibus*), ajudando “o mundo a crescer em direção ao reino de Deus, promovendo nele e com ele tudo aquilo que constrói o homem segundo o desígnio de Deus”.⁴⁰ Assim, a Igreja não é um povo voltado para si, assim como em Deus, na sua relação intratrinitária, cada um é para o outro, e na sua ação económica Ele “é por nós” (Rom 8,31). Este povo é sinal e instrumento de unidade, amor, fraternidade, e esperança na salvação. Ele deve ser construtor de pontes e permitir que as pessoas possam perceber o amor de Deus a partir do seu rosto.

Portanto, como sacramento do amor de Deus, a Igreja deve buscar interrogar-se sobre a sua natureza e missão. A sua credibilidade surge do seu ser fiel à sua dimensão de sacramento, quando a sua dimensão visível de sinal está de acordo com a dimensão invisível da graça que ela representa.

3. Para uma credibilidade da Igreja em Yves Congar e Papa Francisco

Evidentemente, para credibilizar a Igreja, o caminho passa por uma renovação da eclesiologia, que foi o escopo do Concílio Vaticano II.⁴¹ Para Yves Congar e Papa Francisco, isto passa por recuperar a dimensão pneumatológica, superar o desfasamento entre o anúncio e o exemplo, ser uma Igreja em saída e servidora, continuar e reforçar o diálogo ecumênico e inter-religioso.

3.1. Recuperar a dimensão pneumatológica

Congar destaca que com o Vaticano II se recuperou a dimensão pneumatológica da Igreja,⁴² resultado de uma longa história do despertar pneumatológico que marcou sobretudo a teologia do séc. XX.⁴³ Se na sua obra *Un peuple messianique*, de 1975, Congar destacava que ainda se dava muito pouco espaço ao Espírito Santo, isto no plano prático ou pastoral, na sua obra *Je crois en l'Esprit Saint. Révélation et Expérience de l'Esprit*, de 1995, depois de abordar de uma forma minuciosa o Espírito Santo nos documentos do

⁴⁰ CONGAR, Y., *Un popolo messianico*, p. 163; MACUMO, M. A., *La Chiesa come sacramentum salutis*, p. 87.

⁴¹ Sobre a eclesiologia do Concílio Vaticano II, ler: CATELAN, A. *Eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II: antecedentes históricos*, p. 51-79; ALMEIDA, A. J. de, *Lumen Gentium: a transição necessária*, p. 5-41.

⁴² Um profundo e detalhado estudo sobre a “pneumatologia do Concílio Vaticano II”, encontra-se em: CONGAR, Y., *Revelação e experiência do Espírito*, p. 217-225.

⁴³ “Nos primeiros anos após o Concílio Vaticano II, relatos sobre a situação relativa ao tema ‘experiência e teologia do Espírito Santo’ eram determinados, em sua parte diagnóstica, pelo termo-chave ‘esquecimento do Espírito’. A própria teologia era, não raro, acusada de até primar pela ausência do Espírito. Já em 1951 Emil Brunner (+1966) havia afirmado que o Espírito Santo ‘sempre foi mais ou menos um enteado da teologia e a dinâmica do Espírito, um fantasma para os teólogos’ [...]. O que até então representava uma queixa expressa por poucos tornou-se um *slogan* corrente nos anos da arrancada eclesial e teológica. [...] As razões para a negligência ou o esquecimento do Espírito Santo remontam a um distante passado de fé, da Igreja e da teologia: a) dificuldades com movimentos centrados no Espírito [...] b) Deslocamento do interesse teológico [...] c) ‘Cristomonismo’ da teologia ocidental [...] d) Déficit na própria doutrina da graça [...] Desde meados dos anos 60 movimentos carismáticos estão ineludivelmente presentes nas Igrejas cristãs [e há um] novo interesse teológico pela experiência e teologia do Espírito Santo [...] Entretanto, as próprias correntes novas só avançaram pouco no trabalho de reflexão teológica”. (HILBERATH, B. J., *Pneumatologia*, p. 403-406).

Concílio Vaticano II, destaca o amplo espaço que se ia dando ao Espírito Santo no espaço pastoral da Igreja:

Podemos então falar, a respeito do Vaticano II, de uma verdadeira pneumatologia. São, porém, apenas textos. É a vida que deve confirmar a sua verdade. Ora, o que vemos? Todo o povo de Deus sabe que lhe cabe construir a Igreja; os leigos contribuem com seus dons, seus carismas, a serviço de sua edificação. As Igrejas locais procuram os caminhos de sua vida própria. O capítulo da conciliaridade reaberto pelo Vaticano II não está prestes a se fechar.

Certamente muitas coisas estão em crise, mas quantas iniciativas e generosidade! O movimento da Renovação, iniciado em Pittsburg, EUA, em 1967, e que ganhou grande amplitude no mundo no seio da Igreja, pertence evidentemente a essa pneumatologia viva. Se há uma experiência do Espírito, ela está bem aí! Ao menos no testemunho dos que participam do movimento. Está aí a resposta a essa expectativa de um novo Pentecostes que o Papa João XXIII mais de uma vez evocou a respeito do concílio? Faz parte da resposta, mas esta é muito mais ampla, mais secreta e misteriosa também. É toda a vida da Igreja que se desenrola sob o signo e o sopro de Pentecostes.⁴⁴

Em todo o caso, os desafios que Congar lançava em *Un peuple messianique* continuam atuais, para que continue a ser essa resposta que atualize cada vez mais na Igreja um novo Pentecostes, como desejado pelos papas João XXIII e Paulo VI.⁴⁵ Assim, segundo ele, deve-se continuar a pensar “sobre o papel do Espírito Santo nos sacramentos e sobre a sua influência sobre o modo de construir-se e de realizar-se da Igreja”.⁴⁶ Para ele, uma eclesiologia que faça justiça ao papel do Espírito Santo na Igreja terá que ver, sobretudo, com dois pontos: por um lado, fazer com que o que na Igreja é “instituição” seja “evento” para os homens; por outro, porque o Espírito Santo é dado a todos, buscar uma visão sinodal e colegial da Igreja.⁴⁷

No primeiro ponto, a ideia é claramente uma crítica à tendência ou mesmo à prática onde tudo na Igreja não passa de um puro ritualismo, sem o “sopro” do Espírito Santo. Para superar isso, tudo o que diz respeito à vida interna da Igreja e à sua organização, a saber, o anúncio da Palavra, a liturgia, em particular os sacramentos, as congregações, os diversos movimentos, associações, etc., deve constituir “um evento” para os homens, pois eles possuem uma dimensão epiclética.

No segundo ponto, Congar defende que se deve pensar uma Igreja de conjunto, pois ela “não se constitui somente através de uma comunhão vertical, hierárquica, segundo um modelo piramidal, mas também através de relações e intercâmbios, por assim dizer, horizontais”.⁴⁸ Aliás, a razão de ser da autoridade da Igreja não é a honra, mas o serviço.⁴⁹ O Espírito Santo que é dado e age em todos habilita-nos à corresponsabilidade eclesial, pois pelo batismo nos é dado o Espírito Santo para o crescimento da Igreja. Assim, para ele, é urgente valorizar o contributo e o papel das Igrejas particulares e comunidades

⁴⁴ CONGAR, Y., Revelação e experiência do Espírito, p. 224-225.

⁴⁵ CONGAR, Y., Revelação e experiência do Espírito, p. 225.

⁴⁶ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 81.

⁴⁷ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 82-83.

⁴⁸ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 82.

⁴⁹ Para um minucioso e profundo estudo sobre isso: CONGAR, Y., Igreja serve e pobre.

locais, ultrapassando a tendência onde “tudo vem determinado segundo uma linha vertical descendente, para desembocar em uma base mais ou menos submissa e passiva”,⁵⁰ sem falar de uma “perspectiva exclusivamente masculina dentro da Igreja”.⁵¹ Portanto, urge uma visão de comunhão segundo o modelo trinitário, porque “a Trindade é um modelo eclesiológico sob o aspecto de comunhão de Pessoas, e neste sentido na Igreja se encontra um reflexo dos atributos próprios ou apropriados às pessoas: autoridade e potência, dom do Servo, comunicação no amor”,⁵² tudo isso sob a inspiração do Espírito Santo que é, segundo Congar, “a alma pessoal do sacramento de salvação”.⁵³

O Papa Francisco dá um lugar importante ao Espírito Santo no seu magistério. Para ele, “as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito”,⁵⁴ é a luz que sempre “irradia no meio da escuridão”,⁵⁵ “nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus”,⁵⁶ “embeleza a Igreja [...] presenteando-a com um novo rosto”,⁵⁷ “constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus”,⁵⁸ tornando-a assim credível aos olhos do mundo; “nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra a sua unidade”.⁵⁹

Esta recuperação da dimensão pneumatológica passa também por dar espaço e acolher com sentido de fé a piedade popular, que, na visão do Papa Francisco, tem o Espírito Santo como protagonista.⁶⁰ Citando a *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, um discurso do Papa Bento XVI e o *Documento de Aparecida*, o Papa Francisco mostra que a piedade popular tem uma força evangelizadora, graças ao Espírito Santo que através dela transmite as suas riquezas. Ela, a piedade popular, “traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar” e ‘torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé’”,⁶¹ trata-se de, como diz o *Documento de Aparecida*, de uma “espiritualidade encarnada na cultura dos simples”.⁶² Ela constitui-se, por assim dizer, um *locus theologicus*, a partir do qual se deve refletir “a nova evangelização”,⁶³ e também a partir do qual, podemos dizer, deve-se buscar a credibilidade da Igreja.

Na linha do Concílio Vaticano II e, na esteira do que Congar defende, o Papa Francisco insiste numa Igreja de todos, uma Igreja ministerial. Este é também um sopro do

⁵⁰ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 82-83.

⁵¹ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 83. Falando da iniciativa exclusivamente masculina, Congar não quer tocar a questão sacramental, concretamente o sacerdócio, o qual as mulheres não podem receber (CIC, Cân. 1024). Mas toca a questão da igualdade fundamental de todos proveniente do batismo e, assim, da corresponsabilidade na missão da Igreja.

⁵² CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 83.

⁵³ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 83.

⁵⁴ EG 37.

⁵⁵ EG 84.

⁵⁶ EG 97.

⁵⁷ EG 116.

⁵⁸ EG 116.

⁵⁹ EG 117.

⁶⁰ EG 122.

⁶¹ EN 48 apud EG 123.

⁶² DA 263 apud EG 124.

⁶³ EG 126.

Espírito Santo que, dado a todos, nos impele à corresponsabilidade. O atual caminho sinodal é demonstração clara de uma visão de Igreja mais ministerial, onde cada um dos batizados se sente parte dela e da sua missão, e encontra espaço para exercê-la, sentindo mais prazer em servir que ser servido. Por ser uma “dimensão constitutiva da Igreja”, este “caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio”,⁶⁴ diz o Papa.

3.2. Superar o desfasamento entre o anúncio e o exemplo

É conhecida a frase popular: “faça o que eu digo e não o que eu faço”. Porém, na Igreja, no âmbito da evangelização, vem antes o testemunho.⁶⁵ Como diz A. Brighenti,

importa, antes de tudo, mostrar Deus, mais que demonstrá-lo. Nós os cristãos cremos não na evidência de uma doutrina, mas em Alguém. Da Igreja primitiva e antiga, o que mais impactou os romanos foi a caridade dos cristãos, o modo como eles viviam, sobretudo a partilha dos bens e a assistência aos pobres.⁶⁶

Nesta mesma linha, para Congar, na Igreja, assim como em qualquer outra instituição, existe, por um lado, aquilo que ela proclama por palavras, e, por outro, aquilo que ela demonstra por obras, pelo exemplo. Porém, nem sempre na Igreja “anúncio e exemplo” vão juntos, e esta “não concordância” tem provocado não poucas consequências, fazendo com que, na linha do que se disse acima, a sua missão de sacramento do amor de Deus para o mundo não seja eficaz ou não o seja totalmente. Assim, para o nosso autor, na esteira de Wieser, “não basta simplesmente renovar as estruturas e a linguagem da Igreja”,⁶⁷ “o caminho para a credibilidade da Igreja passa sobretudo por isso: superar o desfasamento entre o ‘dizer’ e o ‘fazer’, porque as novas gerações não suportam este desfasamento, ou seja, isto é para elas um claro sinal de ausência da verdade”.⁶⁸

Um motivo que pode levar ao não engajamento na superação desta dicotomia pode residir, como o mostra Congar, no fato de se levar ao extremo o pensamento segundo o qual a Igreja como uma realidade de fé é acessível apenas a quem tem fé ou a quem a olha com fé. Congar corrobora com a ideia de a Igreja ser uma realidade de fé, mas ele recorda-nos que a Igreja como “sinal” é uma realidade visível, ativa no meio dos homens, “sinal autêntico e concretamente legível”.⁶⁹

Congar reforça este pensamento recorrendo à ideia bíblica da “verdade”. Isto é, “biblicamente, a verdade de uma coisa é aquilo que ela é por Deus chamada a ser”.⁷⁰ Neste sentido, o modo de ser Igreja, o modo como ela vive *ad intra* (por exemplo, o exercício da autoridade, a vivência dos conselhos evangélicos) e como age *ad extra* (por exemplo, o seu posicionamento frente à pobreza), tudo isso tem de ser “creível”. Assim, por ser uma comunidade visível e objetivamente constituída, ela deve viver aquilo que ela diz ser ou

⁶⁴ FRANCISCO, PP., apud CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 1.

⁶⁵ EN 21 apud BRIGHENTI, A., A Pastoral dá o que pensar, p. 89; RM 42.

⁶⁶ BRIGHENTI, A., A Pastoral dá o que pensar, p. 89.

⁶⁷ WIESER, T., L’Eglise signe de libération et de salut, apud CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 79.

⁶⁸ MACUMO, M. A., La Chiesa come *sacramentum salutis*, p. 95.

⁶⁹ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 80.

⁷⁰ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 81.

diz ter sido chamada a fazer.

O Papa Francisco na *EG*, ao apresentar o desafio de a Igreja se transformar toda e a todos os níveis em uma “Igreja em saída” para anunciar a todos os homens o Evangelho, demonstra a necessidade de se ultrapassar esta dicotomia: anúncio e testemunho. Uma Igreja em saída, que anuncia um Evangelho fonte de alegria, deve ser ela também portadora de alegria, anunciar com alegria, e depois disso, alegrar-se por ter anunciado (Lc 10,17).⁷¹ É este um dos desafios que o Papa deixou aos jovens no contexto da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa 2023; quando perguntando “o que espera desta JMJ de Lisboa?”, o Papa respondeu: “Gostaria de ver em Lisboa uma semente do mundo futuro [...] Um mundo que não tenha medo de testemunhar o Evangelho. Um mundo com alegria, porque os cristãos se não temos alegria, não somos credíveis, ninguém acredita em nós”.⁷² Portanto, um dos primeiros testemunhos são a constante dinâmica de “saída” e a alegria, que se torna assim como que o “espírito” com que se exerce a missão.

Podemos então dizer que a *EG* toda ela pode ser lida nesta intenção: superar a dicotomia entre o ser e o agir da Igreja. De modo particular, é mirando a isso que o Papa apresenta as “tentações dos agentes pastorais”, os “sim” e os “não”.⁷³ O Papa confessa que se sente grato pelo trabalho de muitos agentes da pastoral, de todos os estados de vida, que se dão de corpo e alma a serviço do evangelho e do próximo, sobretudo os mais esquecidos; porém, “como frutos desta época”, os agentes da pastoral encontram-se de alguma maneira influenciados pelo ambiente global, que, tendo pontos positivos, sofrem por algumas tentações que os podem levar a atitudes que podem minar de alguma maneira a credibilidade da Igreja: preocupação exacerbada de espaços pessoais (individualismo); vida espiritual não regular e integrada; complexo de inferioridade e relativismo; relativismo prático, que leva a agir como se Deus, o outro, os pobres não existissem; acédia egoísta; pessimismo estéril que sufoca o fervor e a ousadia; mundanismo espiritual; guerra dos cristãos entre si. O Papa se questiona e questiona a todos nós como Igreja: “Quem queremos evangelizar com esses comportamentos?”,⁷⁴ como que querendo mostrar que essas atitudes não são que um contratestemunho aos olhos do mundo a quem nós nos dirigimos para atrair todos ao amor de Deus.

3.2. Ser uma Igreja de portas abertas e servidora

Num mundo cada vez mais fechado, e que, embora globalizado, custa-lhe globalizar sentimentos de amor, acolhida, compreensão e integração, a Igreja, sacramento de amor, tornar-se-á credível se puder mostrar que está neste mundo, mas resiste a fazer seus os comportamentos mundanos de egoísmo, julgamento e exclusão, pois o seu modelo é o seu Mestre e Fundador, e sua suprema lei é o amor. O homem e a mulher de hoje precisam encontrar na Igreja “portas abertas” e uma comunidade servidora.

Para Congar, a Igreja existe para servir e testemunhar Deus ao mundo: “não podemos falar dela sem assumir as questões dos homens, sem mostrar a sua relação profunda, aquela sua

⁷¹ EG 21;

⁷² REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO DO PAPA, O vídeo do Papa.

⁷³ EG 76-109.

⁷⁴ EG 100.

espécie de convivência com as exigências do homem e com os objetos da sua esperança”.⁷⁵

Para que a Igreja seja credível, ela deverá transformar-se toda ela nessa dinâmica de “serviço dos nossos irmãos, a exemplo do nosso Mestre adorável, ‘que não veio para ser servido, mas para servir’”,⁷⁶ sem pretensão de domínio, instrumento de perdão e não de maldição.⁷⁷ De maneira especial, ela deverá ser uma “Igreja de todos e [...] dos pobres”,⁷⁸ e ela mesma também “pobre”, e assim “retomar um aspecto que os séculos desfiguraram um tanto: a fisionomia da pobreza”,⁷⁹ segundo o estilo modesto de Jesus e dos Apóstolos.

O Papa Francisco desafia-nos a ser uma Igreja de portas abertas, como “o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade”.⁸⁰ Neste sentido, o Papa diz que ser uma Igreja de portas abertas é também ser uma Igreja onde “todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade”.⁸¹ A partir desta abertura de corresponsabilidade, também critica um certo, poderíamos chamar, “juridicismo sacramental”. Os sacramentos, que são os momentos ápices da vida cristã tanto da comunidade cristã quanto do cristão, podem pastoralmente transformar-se - pelo modo de agir dos membros da Igreja – não em momentos de “graça, conversão e cura”, mas de constrangimento, de sentimento de culpa.

Outro sinal de “portas abertas” é, segundo o Papa, ter efetivamente as portas das nossas igrejas “abertas”.⁸² Este sinal pode ter grande efeito num tempo onde imperam o barulho, movimentações e portas fechadas, estas últimas às vezes motivadas pelo “medo”. A “porta aberta” se converterá assim em um chamariz, em acolhimento, e, assim, a Igreja se tornará em refúgio para responder à sede de amor e de paz, que só Deus pode satisfazer.

Esta Igreja de portas abertas e em saída é a Igreja que com o seu exemplo e ensino evangeliza e busca a fraternidade universal. Sobre este ponto, entre os documentos do pontificado do Papa Francisco, sobressai a *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. Este documento abre-se com a evocação de uma fraternidade aberta, que permite que cada pessoa seja reconhecida, valorizada e amada para além da proximidade física, para além do lugar do universo onde nasceu ou onde vive,⁸³ um amor “sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião”.⁸⁴ A partir do número 56, o Papa fala da parábola do bom samaritano que socorre um abandonado pela estrada, ante a indiferença de muitos, uma história, segundo o Papa, que se repete. O Papa mostra a mudança da impostação entre “quem é o meu próximo” para “quem foi o próximo do homem ferido e abandonado pela estrada”. Esta parábola Jesus propõe-na para responder à pergunta: “quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). No fim da mesma, Jesus transforma completamente esta impostação: não nos convida a interrogar-nos sobre quem é vizinho a nós, mas a tornar-nos nós mesmos vizinhos, próximos, como o foi o samaritano:

⁷⁵ CONGAR, Y., La Chiesa: apprecio o ostacolo? 249.

⁷⁶ JOÃO XXIII, PP., Mensagem ao mundo do Concílio Vaticano II, apud CONGAR, Y., Igreja serve e pobre, p. 171.

⁷⁷ CONGAR, Y., Igreja serve e pobre, p. 75.

⁷⁸ JOÃO XIII, PP., Mensagem ao mundo, apud CONGAR, Y., Igreja serve e pobre, p. 176.

⁷⁹ LIÉNART, Card., apud CONGAR, Y., a Igreja serve e pobre, p. 177.

⁸⁰ EG 46.

⁸¹ EG 47.

⁸² EG 47.

⁸³ FT 1.

⁸⁴ FT 3.

foi quem se fez próximo do homem ferido.⁸⁵ Assim, a Igreja deve buscar um mundo cada vez mais fraterno e transformar-se nesse lugar de vivência e de experiência de fraternidade.

Aqueles que buscam a Igreja são “pessoas em viagem rumo a qualquer coisa de melhor”.⁸⁶ Esta qualquer coisa de melhor não seriam os bens financeiros e materiais. “Melhor” é o irmão, alguém que lhe compreenda, que traga paz, e isso o encontra em Jesus, Deus conosco, também refletido em cada cristão, na face da Igreja toda.

Sobretudo, a Igreja, para ser a fiel ao Evangelho, ela terá de “ouvir o clamor dos pobres”⁸⁷ e assim fazer sua opção a opção mesma do Senhor, que “Se fez pobre” (2Cor 8, 9) e cuja misericórdia e opção pelos últimos constitui n’Ele uma atenção permanente (Mt 9,36; Jo 10,10). Quanto a isso, é paradigmático o n° 195 da EG, no qual se diz que “quando São Paulo foi ter com os Apóstolos a Jerusalém para discernir ‘se estava a correr ou tinha corrido em vão’ (Gal 2,2), o critério-chave de autenticidade que lhe indicaram foi que não se esquecesse dos pobres (Gal 2,10)”.⁸⁸ “A opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta”, é segundo o Papa o sinal que manifesta a beleza do Evangelho, e, neste caso, a beleza da Igreja. Como diz o Papa:

Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: [deve-se privilegiar] não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, “àqueles que não têm com que te retribuir” (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!⁸⁹

Assim, como no espírito da virada antropológica, que caracteriza a nossa época e a reflexão teológica, a Igreja terá de fazer suas as interrogações dos homens.⁹⁰ Seja os pobres materiais que os espirituais, os que “que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”,⁹¹ esperam da Igreja uma atenção.

Como diz A. Brighenti, este serviço, esta atenção da Igreja não é mera ação exterior. Ele é constitutivo não do fazer, mas do “ser” cristão. É em seu “ser” que se funda o “fazer”, na medida em que a missão não lhe é própria, mas prolongamento da missão de Jesus. Assim, a *diakonia* da Igreja tem o carácter sacramental:

Assim como os atos de Jesus durante a sua vida terrestre – “os cegos vêem, os coxos andam, os famintos são saciados, os peregrinos são acolhidos, os oprimidos são libertados” (Mt 11,4-

⁸⁵ FT 80.

⁸⁶ FRANCISCO, PP., Homilia na santa missa pelas vítimas dos naufrágios. Lampedusa, 8 de Julho de 2013.

⁸⁷ EG 193.

⁸⁸ Sobre este tema ver o artigo de GONZAGA, W., Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial (EG 195), p. 75-95.

⁸⁹ EG 48.

⁹⁰ A eclesiologia deverá ser assim uma reflexão comprometida com as “questões atuais que interessam à pessoa humana e a envolvem” (MORAES, A. O., Entre mistério divino e humano, p. 158).

⁹¹ EG 49.

6) – tinham a dimensão sacramental e simbólica, pois eram sinais de que o Reino de Deus estava já presente entre os homens, o serviço que a Igreja, por mandato de Jesus Cristo, presta ao mundo tem dimensão sacramental. Este serviço é sinal de que o Senhor Jesus se encontra ainda atuante entre os homens. Portanto, da mesma forma que Jesus tem, em seu serviço, a atestação de seu messianismo e da presença do Reino no mundo, a Igreja torna-se “sacramento crível, na medida em que também ela se fizer testemunha e extensão dos sinais realizados por Jesus”.⁹²

3.3. O diálogo ecumênico e inter-religioso

O teólogo Siegfried Wiedenhofer, falando do contexto ecumênico da Igreja hoje, diz que

uma eclesiologia que faça justiça à atualidade e ao futuro deve [...] ser desenvolvida em primeiro lugar dentro do diálogo interdenominacional, isto é, a serviço da unidade a ser reconquistada entre as Igrejas e comunidades cristãs dentro de uma Igreja una, em segundo lugar no diálogo judeu-cristão, isto é, a serviço da reconciliação do antigo e do novo povo de Deus, e finalmente, em terceiro lugar, no diálogo inter-religioso e intercultural, isto é, a serviço da unidade da fé em Deus em meio à diversidade das culturas.⁹³

Yves Congar⁹⁴ e Papa Francisco⁹⁵ mostram-se muito em sintonia com este pensamento. No seu labor pastoral e intelectual têm uma grande preocupação pelo diálogo ecumênico e inter-religioso.

Para Congar, se o Espírito Santo é a “alma” da Igreja sacramento de salvação, o ecumenismo é o seu “programa”.⁹⁶ Para ele, entrar na dinâmica do movimento ecumênico é “tender à pureza e à plenitude, tender a ser verdadeiramente o *pleroma* do qual fala a epístola aos Efésios”.⁹⁷ Assim, a credibilidade passa por mostrar-se unido diante do mundo, pois, como testemunha Le Guillou, para ele

se o princípio supremo de unidade e de salvação do mundo se encontra no cristianismo, não é possível esperar de poder curar as suas desuniões até que nós antes de tudo não tenhamos consertado as nossas lacerações e recomposta a unidade entre nós.⁹⁸

⁹² BRIGHENTI, A., A Pastoral dá o que pensar, p. 133.

⁹³ WIEDENHOFER, S., Eclesiologia, p. 52-53.

⁹⁴ Ele fez da sua preocupação e interesse pelo ecumenismo algo central na sua eclesiologia, tendo definido e lançado importantes linhas teológico-pastorais para o ecumenismo. Mas este interesse já vem desde a sua infância: ambiente de nascimento, com forte e mista presença religiosa; ambiente de formação ao sacerdócio, onde no Seminário de *Le Saulchoir* teve cursos do P. Chenu sobre o movimento “Fé e Constituição” e sobre a conferência de Lausana (1927). A sua tese de doutorado em Teologia, que obteve em 7 de junho de 1931, foi sobre a unidade da Igreja; influência espiritual, sobretudo o seu serviço sacerdotal, onde rezava nas missas sempre pela unidade dos cristãos (JOSSUA, J.-P., Yves Congar, 21, 24).

⁹⁵ Antes de assumir a cátedra de Pedro, o Papa Francisco, na sua missão pastoral, já era promotor de diálogo ecumênico e inter-religioso. Desde o início do seu pontificado, continuou este interesse pelo diálogo ecumênico e inter-religioso, interesse que está estampado no seu documento programático, a *Evangelii Gaudium*, onde apresenta a dimensão ecumênica “com alma, com clareza, com esperança” (FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 251.).

⁹⁶ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 80.

⁹⁷ CONGAR, Y., Un popolo messianico, p. 80.

⁹⁸ LE GUILLOU, M.-J., Yves M.-J. Congar, p. 197.

Congar apresenta o “espírito” que deve nortear o movimento ecumênico: mais do que “escuta” (dimensão passiva), a aproximação aos outros deve ter a intenção de encontrar neles elementos de verdade e dispor-se para acolhê-los⁹⁹ (dimensão ativa), o que só é possível quando há amor, pois “Deus é Amor” (1Jo 4,8).

Esta definição de Deus, que é supremo amor, e que age no amor e por amor, está, segundo Congar, no centro do ecumenismo e sem ele não é possível um verdadeiro ecumenismo. Deve haver, assim, amor entre os cristãos de diversas igrejas, amor entre as igrejas, como ele testemunha em primeira pessoa no prefácio ao *Chrétiens en dialogue*, quando diz que tem um grande amor pelas igrejas separadas de Roma: “Amo a Igreja anglicana...”.¹⁰⁰ Para além deste “espírito” de amor na ação ecumênica, Congar, na *Chrétiens en dialogue*, apresenta importantes aspetos: “Convertermo-nos” todos juntos a Cristo; “Superar” continuamente o próprio estado atual; “Retorno” continuamente à Palavra de Cristo, que leva à plenitude e pureza; “Trabalho” intelectual mais empenhado: porque muitas vezes a reação por parte dos débeis é fruto de um instinto de defesa; “Oração”: dimensão essencial que nos muda interiormente; “Ação comum”: serviço para o mundo, porque a Igreja é para o mundo.¹⁰¹

O Papa Francisco no cap. 4 da *EG*, intitulado “a dimensão social da evangelização”, no ponto nº 4, que fala do “diálogo social como contribuição para a paz”,¹⁰² trata dos diversos diálogos: o diálogo entre a fé, a razão e as ciências; o diálogo ecumênico; as relações com o Judaísmo; o diálogo inter-religioso; o diálogo social.¹⁰³ O Papa situa também o diálogo ecumênico na linha da credibilidade do evangelho: “a credibilidade do anúncio cristão seria muito maior, se os cristãos superassem as suas divisões e a Igreja realizasse ‘a plenitude da catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Baptismo, estão separados da sua plena comunhão’”.¹⁰⁴

A partir da *EG* podem-se deduzir os seguintes princípios ecumênicos: o princípio da hierarquia das verdades e a hierarquia das virtudes; o princípio da multiformidade da expressão da verdade; o princípio do “primeirar”; o princípio da renovação. O Papa não apresenta estes princípios diretamente ligados à questão ecumênica, mas pode-se ver a sua ligação e aplicação à esta perspectiva, como o faz Maria Teresa.¹⁰⁵ Quanto ao primeiro princípio, embora não eliminando as demais verdades,

trata-se de “partir do coração do Evangelho”, de modo que “o anúncio concentre-se no que é essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (*EG* 35). Por isso ele [o Papa] procura o centro da “fé que atua pelo amor”, de modo a manifestar a graça do Espírito (*EG* 37).¹⁰⁶

É importante notar como, também para o Papa, esta ideia do amor esteja no centro

⁹⁹ JOSSUA, J.-P., Yves Congar, p. 77.

¹⁰⁰ JOSSUA, J.-P., Yves Congar, p. 84.

¹⁰¹ JOSSUA, J.-P., Yves Congar, p. 110.

¹⁰² *EG* 238-258.

¹⁰³ Ora, embora na *EG* haja alguns números que tratam sobre os diversos diálogos, “todo o documento é dialogal” (FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 251).

¹⁰⁴ *EG* 244.

¹⁰⁵ FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 253-255.

¹⁰⁶ FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 253.

do caminho ecumênico, assim como o é para Yves Congar. Não seria diferente, pois o amor é a própria definição de Deus, amor que Ele nos manifestou em Cristo, e é o resumo de todos os mandamentos.¹⁰⁷

No concernente ao segundo princípio, que tem uma relação direta com o primeiro, é preciso ter em conta a “multiformidade” da expressão da verdade,¹⁰⁸ pois, segundo o Papa,

no depósito da doutrina cristã, “uma coisa é a substância (...) e outra é a formulação que a reveste”. [...] “a expressão da verdade pode ser multiforme. E a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável”.¹⁰⁹

O terceiro princípio é o “primeirar”. No esforço ecumênico, a Igreja deve tomar a iniciativa, a exemplo do Senhor que nos precedeu no amor (1Jo 4,10), envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar. Isto só é possível numa atitude de humildade, sem medo, mas com ousadia e coragem, assim como Jesus lavou os pés dos seus discípulos (Jo 13,1-15), e nos assegurou que colocando isso em prática alcançaremos a felicidade (Jo 13,17). Deve acompanhar com paciência todos os processos na busca da comunhão, caminhar juntos em todos os processos de diálogo ecumênico e inter-religioso, atentos aos frutos desses diálogos, e festejando as pequenas vitórias, cada passo em frente.¹¹⁰

Por último, o quarto princípio, a renovação da Igreja,¹¹¹ que se faz “no espírito do Concílio, com o primado do espiritual, marcadamente com a oração, e dá-se como evento pneumatológico, porque é obra do Espírito Santo”.¹¹² A renovação de todas as instituições e dimensões eclesiais é importante pois traz “um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo”.¹¹³

Para além destes princípios, o Papa cita, sobretudo em relação ao diálogo inter-religioso, os seguintes princípios: “abertura” aos nossos irmãos de outras religiões, isto é, “estar com eles, compartilhando as suas alegrias e penas”;¹¹⁴ “evitar o sincretismo”, no qual se pode cair quando, na busca de se evitar problemas, nega-se a verdade e a riqueza de cada grupo religioso;¹¹⁵ “formar os interlocutores”, “para que estejam sólida e jubilosamente radicados na sua identidade, (...) [e] para que sejam capazes de reconhecer os valores dos outros, compreender as preocupações que subjazem às suas reivindicações e fazer aparecer as convicções comuns”,¹¹⁶ o que Congar chama, como já fizemos referência, de “trabalho intelectual mais empenhado”.¹¹⁷

Portanto, o diálogo ecumênico e inter-religioso torna-se uma questão fundamental quando pensamos na nova evangelização. A Igreja, dirigida pelo próprio Evangelho e

¹⁰⁷ CEC 2822.

¹⁰⁸ FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 254.

¹⁰⁹ EG 41.

¹¹⁰ EG 24.

¹¹¹ EG 27-33.

¹¹² MAÇANEIRO apud FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 255.

¹¹³ EG 29.

¹¹⁴ CONFERÊNCIA DOS BISPOS DA ÍNDIA apud EG 250.

¹¹⁵ EG 251.

¹¹⁶ EG 253.

¹¹⁷ JOSSUA, J.-P., Yves Congar, p. 110.

animada pelo Espírito Santo, deve alegrar-se por descobrir “que Deus também atua nos nossos irmãos e que eles são assim alcançados pela graça de Deus. [...] que cada pessoa tem valor e deve ser estimada. Que todos têm dons e que as diversas tradições religiosas têm as suas riquezas”.¹¹⁸

Conclusão

Nestas páginas, apresentamos a contribuição de Yves Congar e do Papa Francisco sobre a credibilidade da Igreja. Como notamos, tanto um mostrou quanto outro ainda mostra, no seu labor teológico e pastoral, uma grande preocupação com o apresentar o rosto de uma Igreja cada vez mais credível, no meio de uma sociedade cada vez mais fechada, relativista, indiferente e até hostil ao aspeto religioso e à missão da Igreja, mas também ao mesmo tempo sedenta de Deus, onde estes desafios se tornam também chances para a Igreja. Esta busca da credibilidade não passa, certamente, por ingenuamente “agradar” o mundo – porque se ela quisesse agradar ao mundo não seria serva de Cristo (Gal 1,10) –, mas por ser fiel à sua vocação. Para essa fidelidade, ela deve posicionar-se numa atitude de permanente “renovação” eclesial:

A Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério (...). Desta consciência esclarecida e operante deriva espontaneamente um desejo de comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja, como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5, 27), com o rosto real que a Igreja apresenta hoje. (...) Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de emenda dos defeitos, que aquela consciência denuncia e rejeita, como se fosse um exame interior ao espelho do modelo que Cristo nos deixou de Si mesmo.¹¹⁹

Depois deste itinerário, podemos considerar os nossos dois autores como verdadeiros arautos do Concílio Vaticano II, que desejou uma Igreja que faz seus os sonhos, as preocupações, as vitórias e canseiras dos homens e mulheres seus contemporâneos, e a todos eles apresenta a luz de Cristo, única esperança e porto seguro para a humanidade.¹²⁰ Mesmo que por muitos motivos, sobretudo a crescente secularização, o número de cristãos possa diminuir, a Igreja não pode nunca perder de vista a sua vocação de sacramento do amor de Deus. Mesmo que chegue a ser um “resto”, ela deverá continuar, com alegria, a sua missão de ser fermento da sociedade.

O presente processo sinodal sobre a sinodalidade é uma grande esperança em ordem a contruirmos um ser Igreja de comunhão, participação e missão, uma Igreja serva e samaritana que anuncia a todos que em Jesus Cristo o Reino de Deus se fez próximo, Deus contruiu no meio de nós a sua tenda (Jo 1,14). N’Ele, encontramos o caminho que nos conduz ao Pai, a verdade que nos liberta, a vida verdadeira (Jo 14,6).

Referências bibliográficas

¹¹⁸ FREITAS CARDOSO, M. T. de, Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*, p. 252.

¹¹⁹ ES 10-12 apud EG 26.

¹²⁰ GS 1; LG 1.

ALMEIDA, A. J. de. *Lumen Gentium: a transição necessária*. **Encontros Teológicos**, v. 39, n. 3, p. 5-41, 2004. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/445/432>>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 17. impr. São Paulo: Paulus, 2022.

BRIGHENTI, A. **A Pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. Valencia: Siquem; São Paulo: Paulinas, 2021.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

CATELAN, A. *Eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II: antecedentes históricos*. **Encontros Teológicos**, v. 62, n. 2, p. 51-79, 2012. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/187/178>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

CÓDIGO de Direito Canônico. Brasília: Edições CNBB, 2019.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html>. Acesso em: 3 jun. 2023.

COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. **Temî scelti di ecclesiologia in occasione del XX anniversario della chiusura del Concilio Vaticano II**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1984_ecclesiologia_it.html>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática**: sobre a Igreja *Lumen Gentium*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***: sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CONGAR, Y. **Amplio mundo mi parroquia**: Verdad y dimensiones de la salvación. Estella: Editorial Verbo Divino, 1965.

CONGAR, Y. **Igreja serva e pobre**. [s.l.: s.e.], 1964.

CONGAR, Y. **La mia parrocchia vasto mondo**: Verità e dimensioni della salvezza. Roma: Edizioni Paoline, 1965.

CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGAR, Y. **Un popolo messianico**: La Chiesa, sacramento di salvezza. La salvezza e la liberazione. Brescia: Queriniana, 1976.

CONGAR, Y., *La Chiesa: approccio o ostacolo?* In: NEUFELD, K. H. et al. (ed.). **Problemi e prospettive di Teologia Dogmatica**. Brescia: Queriniana, 1983, p. 231-251.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral**, 6 out. 2021. <[*PqTeo*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 01-21 jul./dez. 2024](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211006_udienza-</p>
</div>
<div data-bbox=)

generale.html>. Acesso em: 20 jun. 2023

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

FRANCISCO, PP. **Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios**. 22 dez. 2022. Disponível: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/december/documents/20221222-curia-romana.html>. Acesso em: 5 de jun. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos membros da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores**. 29 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/april/documents/20220429-pontcommissione-tutelaminori.html>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Homilia na santa missa pelas vítimas dos naufrágios**. Lampedusa, 8 de Julho de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 13 jul. 2023.

FREITAS CARDOSO, M. T. de. Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J.P.; FERNANDES, L.A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014, p. 251-262.

GONZAGA, W. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial (EG 195). In: AMADO, J.P.; FERNANDES, L.A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014, p. 75-95.

HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T (Org.). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 403-406. v. I.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Redemptoris missio***: sobre a validade permanente do mandato missionário. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.

JOÃO PAULO, PP. **Homilia do início do pontificado**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html>. Acesso em: 13 jul. 2023.

JOSSUA, J.-P. **Yves Congar**: Profilo di una teologia. Brescia: Queriniana, 1970.

KASPER, W.; MOLTMANN, J. **Gesù sì, Chiesa no?** Brescia: Queriniana, 1974.

LE GUILLOU, M.-J. Yves M.-J. Congar. In: GUCHT, R. V.; VORGRIMLER, H. **Bilancio della Teologia del XX secolo**. Roma: Citta Nuova, 1972, p. 189-205. v. IV.

MACUMO, M. A. **La Chiesa come *sacramentum salutis***: la salvezza nell'ecclesiologia di Yves Congar. Roma, 2016. 111 p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana.

MORAES, A. O. Entre mistério divino e humano: cinquenta anos de pesquisa teológica na PUC-Rio. **Atualidade Teológica**, v. 23, n. 61, p. 149-179, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/37777/37777.PDF>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO DO PAPA. O vídeo do Papa: Agosto, Pela Jornada Mundial da Juventude. Disponível em: <<https://thepopevideo.org/?lang=pt-br>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

REPOLE, R. Prefácio à coleção. In: WERBICK, J., **A Fraqueza de Deus pelo homem**: a visão do Papa Francisco sobre Deus. Brasília: Ed. CNBB, 2018. p. 9-11.

RIBEIRO, C. de O. Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich, **Numen**, v. 3, n. 2, p. 31-46, 2000.

VITALI, D. **Lumen Gentium**: Storia, commento, recezione. Roma: Studium, 2014.

WIEDENHOFER, S. Ecclesiologia. In: SHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 50-142. v. II.

Meque Augusto Macumo

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
E-mail: meqmacumo@gmail.com

Recebido em: 31/07/2023

Aprovado em: 10/09/2024